

Última prova de Mandela

Só mesmo quem passou 30 anos na cadeia para aguentar a desorganização brasileira

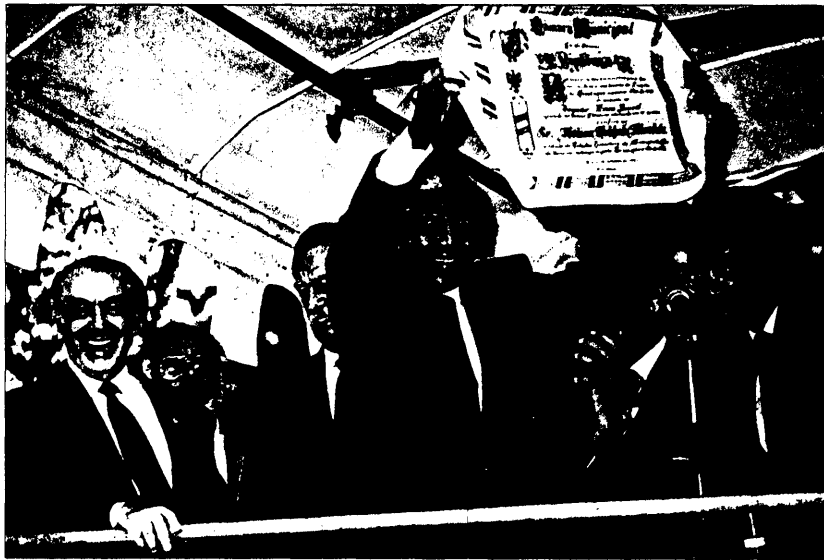
Depois de resistir, vitorioso, ao ódio racial e à violência do regime sul-africano que o confinou nas prisões por quase 30 anos, o líder negro Nelson Mandela quase sucumbiu à desorganização, à vaidade e à malandragem brasileiras, já nas primeiras 48 horas da visita oficial de cinco dias ao País. Mandela foi recebido em terras brasileiras com as honras devidas a um herói, mas sem os cuidados que se deve ter ao se homenagear uma personalidade internacional da sua importância e com o seu passado. Mas ele, aos 73 anos, ainda resistiu aos desacertos oficiais de um circuito que começou no Rio, seguiu para São Paulo, Bahia, Espírito Santo e devia terminar em Brasília, na segunda-feira, 5.

Para isso, no entanto, ele teve que exercer uma de suas mais notórias virtudes – a tolerância – desde que desembarcou no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, na manhã de quinta-feira, 1.º, quando, ao descer do avião, soube que suas malas haviam ficado retidas em Miami (EUA).

Primeiro anfitrião do casal Nelson e Winnie Mandela e de mais cinco representantes do Congresso Nacional Africano, o CNA, que liderou a luta contra o apartheid, o governador do Rio, Leonel Brizola, esbanjou seu entusiasmo para o ilustre visitante desde seu desembarque no aeroporto do Galeão. Da agenda de compromissos originalmente programada, os únicos itens mantidos foram a inauguração de um Ciep – ou Brizolão – na zona Oeste da cidade, batizado com o nome de Nelson Mandela, e um show de música popular na carnavalesca passarela do Sambódromo. O Itamaraty, que devia ter o controle da agenda de Mandela, desistiu de participar do planejamento das horas que o visitante iria ficar no Rio por não poder acompanhar o ziguezague inventado por assessores de Brizola.

O roteiro concebido pelos brizolistas

chegou a incluir encontro com algumas lideranças da comunidade negra, uma entrevista coletiva e uma solenidade na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ, onde o líder sul-africano deveria receber o título de Doutor Honoris Causa. Depois de muita confusão, todos esses compromissos foram cancelados na véspera. Mas não foram só os embaixadores do Itamaraty que ficaram de fora. A confusão saiu do meio diplomático para atingir também as várias entidades organizadas dos negros. “Após reuniões com o governo para elaborar a agenda, percebemos que a participação do movimento negro foi cortada”, protestou Amauri Mendes, do Fórum Estadual de Entidades



De Mandela para Brizola: cadê a minha comitiva?

Negras, certamente invejoso do movimento negro, na Bahia, que conseguiu mais acesso a Mandela, brindado com uma apresentação do famoso grupo Afoxé Filhos de Gandhi. O governador Antônio Carlos Magalhães, embora tenha liberado prontamente Cr\$ 5 milhões para a recepção, manteve uma discreta presença na agenda do visitante.

Em São Paulo, o governador Luís Antônio Fleury Filho foi um pouco mais generoso com a presença ilustre no Estado. Consta que liberou Cr\$ 40 milhões para a recepção. Um pouco mais do que concedeu o governador capixaba, Albuino Azeredo. Desatento – ou desacostumado – com a malandragem que ronda o poder,

o governador do Espírito Santo entregou Cr\$ 27 milhões para um tal de Projeto Amandla que se dizia encarregado de preparar, no Brasil, a recepção a Mandela. O governador nega isso. Mas quando deu pela coisa, percebeu que o Espírito Santo tinha ficado de fora da agenda e o dinheiro tinha ido embora. Ligou para o Itamaraty e conseguiu dividir o tempo do visitante com os baianos. Na Terra de Todos os Santos, por sinal, os mesmos malandros tentaram, sem sucesso, arrancar dinheiro, depois de espalharem prospectos por Salvador onde diziam que contavam com o apoio da Força Sindical, liderada por Luís Antônio de Medeiros.

O casal Mandela não deve ter se aborrecido tanto, desde que ele ganhou liberdade em fevereiro do ano passado. Na primeira recepção oficial, nos jardins do Palácio Guanabara, o líder negro recebeu do prefeito Marcelo Alencar o título de Cidadão Honorário da cidade. Foi saudado pelo governador Brizola – “Este casal aqui presente está fadado a construir

um dos maiores países do mundo: a África do Sul”, garantiu exultante o anfitrião – e quando, por fim, discursou, desnudou a confusão do protocolo: “Quero pedir licença ao governador para que minha delegação possa subir ao palanque”, solicitou Mandela.

O cerimonial do governo fluminense é comandado pela mesma embaixatriz Elizabeth Vieira de Melo que, no primeiro governo Brizola, atritou-se com o Itamaraty durante a visita em 1985 do presi-

dente francês François Mitterrand, ao Rio. Brizola a despediu, diante dos argumentos de que a diplomata, embora usasse punhos de renda, tinha as mãos de ferro no trato com as questões de cerimonial. Filiada ao PDT e com um inegável fôlego para o trabalho, ela conseguiu voltar ao Palácio, com a reeleição de Brizola.

Depois de enfrentar e livrar-se de tantos dissabores criados por sua visita ao Brasil, Nelson Mandela deve retornar à África do Sul “com a proposta de formar um governo provisório pluralista”, como reiterou no Rio – ciente, mais do que nunca, de como será difícil desincumbir-se da tarefa a que agora se propõe: construir uma nação. ●